

TEATRO

14, 15 MAIO 2015

Ganesh Versus the Third Reich

Ganesh Contra o Terceiro Reich
de Back to Back Theatre

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Encenação, concepção e cenografia Bruce Gladwin **Com** Mark Deans, Simon Laherty, Scott Price, Luke Ryan e Brian Tilley **Concebido por** Mark Deans, Marcia Ferguson, Bruce Gladwin, Nicki Holland, Simon Laherty, Sarah Mainwaring, Scott Price, Kate Sulan, Brian Tilley e David Woods **Desenho de luz** Andrew Livingston, Bluebottle **Cenografia e construção de cenário** Mark Cuthbertson **Cenografia e animação** Rhian Hinkley **Compositor** Jóhann Jóhannsson **Desenho e construção de máscaras** Sam Jinks & Paul Smits **Figurinos** Shio Otani **Tradução** Karen Witthuhn e Greg Bailey **Consultora para a escrita** Melissa Reeves **Atuação adicional filmada** Georgina Naidu **Atores que participaram na criação** Brian Lipson, James Saunders e Sonia Teuben **Diretores técnicos** Dans Maree Sheehan, Van Locker **Diretora de cena** Alice Fleming **Apoio ao elenco** Nikki Watson **Desenho e mistura de som** Marco Cher Gibard **Produtora associada (interina)** Alice Fleming **Produtora executiva (interina)** Ally Harvey **Produtora executiva** Alice Nash **Apoios** Australia Council for the Arts, Creative Victoria e City of Greater Geelong. A temporada de estreia de *Ganesh Versus the Third Reich* foi apoiada pela Keir Foundation, Melbourne Festival, Malthouse Theatre, National Theatre Studio (Londres) e ANZ Trustees **Estreia** Malthouse Theatre, Melbourne Festival, 25 de setembro de 2011

Na sexta-feira dia 15, após o espetáculo, haverá uma conversa com os artistas na Sala 1.

Qui 14, sex 15 de maio
21h30 · Grande Auditório · Duração: 1h40 · M12
Em inglês, com legendas em português

Notas do Encenador

Rita Halabarec e Sonia Teuben, duas atrizes que já abandonaram o nosso elenco, lançaram-nos na viagem narrativa. A Rita passou nove meses a desenhar Ganesh a esferográfica azul em resmas de papel branco, enquanto a Sonia deu à luz um assustador *skinhead* neonazi na sala de ensaios. A nossa história foi apreendida e concretizada por múltiplas cabeças.

Em 2008 imaginámos *Ganesh Versus the Third Reich*, a viagem fantástica do Deus hindu de cabeça de elefante indo da Índia à Alemanha para recuperar a suástica dos nazis. Atores e colaboradores, todos acharam que era uma grande ideia e foi coletivo o nosso prazer ao imaginar o seu potencial.

Sabíamos que a nossa narrativa era moralmente duvidosa; era demasiado perigoso para uma pequena companhia de teatro de Geelong apropriar-se de Deuses hindus e criar um conto de fadas no contexto do holocausto. Apesar do nosso prazer não se podia fazer o espetáculo.

Com o passar do tempo a nossa maneira de pensar alterou-se. A censura autoimposta – o nosso raciocínio de que não podíamos criar a peça – tornou-se a argumentação para lhe dar vida.

Ganesh Versus the Third Reich é não só a aventura de um herói de proporções épicas mas a história da sua feitura. É a tentativa do Back to Back Theatre de pôr à prova e compreender as suas próprias limitações culturais e morais.

Bruce Gladwin

Desarmar a autenticidade

Entrevista com Bruce Gladwin, diretor artístico, e Alice Nash, produtora executiva do Back to Back Theatre

Como é que o Back to Back Theatre se reuniu inicialmente? Como chegou ao seu estado actual?

Bruce Gladwin – O Back to Back Theatre começou na altura da desinstitucionalização na segunda metade dos anos 80. Houve uma mudança de política governamental sobre o alojamento e apoio a pessoas com deficiência intelectual. Antes disso, uma grande percentagem das pessoas com deficiência intelectual era institucionalizada em grandes edifícios vitorianos na periferia das cidades. À medida que essas instituições foram encerradas, foram libertados recursos para o alojamento, atividades e emprego de pessoas com deficiência. Em Geelong, onde estamos sediados, há uma vida artística bastante ativa, e uma série de artistas aproveitou a oportunidade para começar a orientar *workshops* para um grupo de pessoas com deficiência.

Acho que esses primeiros artistas se sentiram impelidos por uma espécie de estética de arte bruta, marginal... É quase impossível fazer teatro a menos que se colabore. Portanto é sobre o que acontece quando essas ideias idiossincráticas são abordadas de forma oficial no contexto do teatro. Era esta a interessante mistura dessas ideias iniciais. A companhia evoluiu desde então. A escala das peças que faziam inicialmente era bastante pequena, e faziam digressões por pequenos cen-

tros culturais e teatros comunitários. À medida que progredimos, a escala das peças desenvolveu-se.

Alice Nash – O Bruce e eu herdámos uma companhia muito forte em 1999 – com um espírito e maneira de trabalhar nítidos e notáveis. O que construímos foi a partir da visão dos fundadores da companhia. O elenco queria fazer teatro que pudesse estar no palco mundial e a nossa tarefa foi cumprir esse desejo.

De onde veio a ideia para *Ganesh Versus the Third Reich*?

AN – Todas as ideias para o trabalho da companhia vêm do elenco. Um dos nossos atores, Rita Halabarec, que já não faz parte da companhia, estava obcecada com o Senhor Ganesh e fazia muitos desenhos dele todos os dias. Começámos um processo criativo com a Rita a explicar todos estes desenhos ao resto da equipa. Ao mesmo tempo, tínhamos estado a experimentar com mudar as vozes do elenco para cima e para baixo, para ver o que acontecia à sua fisicalização. A Sonia Teuben, outra atriz do elenco, veio um dia para a sala de ensaios: tinha o cabelo cortado muito curto; tinha vestido um casaco de cabedal, botas grandes. A Sonia é pequena mas imponente, mas quando lhe baixámos a voz, e juntamente com a sua aparência, tornou-se uma personagem de neonazi assustadora... Depois pegámos nestes dois temas diferentes e juntámo-los, gerando esta história épica, a primeira narrativa do espetáculo.

BG – Quando inventámos a narrativa de Ganesh a viajar para a Alemanha nazi para recuperar a saústica, achámos

que era uma grande história e uma grande viagem para um herói, mas que na verdade era uma peça que não nos competia fazer. Na verdade não temos o direito de fazê-la. Mas depois houve um momento de viragem, quando começámos a reconhecer que as questões à volta de porque é que sentíamos que não a podíamos fazer seriam de facto uma exploração interessante sobre apropriação cultural e quem tem o direito de contar histórias específicas. Portanto a partir daí procurámos fazer a peça.

AN – A segunda narrativa do espetáculo é a nossa história a resolvermos estes assuntos sobre apropriação, voz e poder.

O Back to Back Theatre é um grupo que cria peças a partir do zero, de que forma é que a companhia é diferente de uma companhia de teatro tradicional?

BG – Na Austrália não há muitas companhias que passem por um processo de escrita coletiva; a maior parte trabalha a partir de um texto preexistente. Sempre gostei de processos criativos e o Back to Back Theatre é um lugar fantástico para nos entregarmos a isso. Mesmo enquanto espectador, antes de me ter tornado diretor artístico da companhia, achei que isto era um trabalho muito inteligente. Os intérpretes eram intuitivos e verdadeiros; no entanto, estavam a ser identificados como “deficientes intelectuais” – a meu ver uma afirmação paradoxal. Quando comecei como diretor artístico no Back to Back Theatre, quis criar um espetáculo sobre a inteli-

gência. O que é a inteligência? O ponto de partida era esse. Desde então, cada nova peça tem tentado responder às perguntas levantadas pela peça anterior.

Tivemos alguns artigos de jornal sobre a nossa maneira de fazer teatro, que supostamente permite às coitadas destas pessoas deficientes experimentar a arte. Já não temos esta preocupação. O nosso objetivo é fazer arte, criar arte que nos interessa. Esperamos que as pessoas nos sigam nesta aventura, mas nunca se pode prever as reações das pessoas quando confrontadas com a deficiência. Podem ficar chocadas ou assustadas. O teatro não acontece no palco, acontece na cabeça das pessoas. Se há 500 pessoas na plateia, tem-se 500 espetáculos diferentes. Tudo depende do que o público lá põe.

***Ganesh Versus the Third Reich* foi concebido por onze artistas, incluindo tu próprio. Para criar peças coletivamente é normalmente necessário um processo bastante preciso. Trabalhar com atores deficientes mentais exige uma abordagem particular?**

BG – Nem todos os atores se veem a si próprios como tendo uma deficiência. Portanto mesmo que os espectadores olhem para alguém em palco e pensem: “Aquilo é mesmo alguém com deficiência”, os atores eles próprios não se envolvem nessa discussão. O Simon nunca me falou de deficiência. Nunca. Não se veem a eles próprios como pessoas com deficiência; não veem isso como relevante. O Scott é capaz de se envolver numa discussão sobre a política da deficiência. Dizemos “percebi-

das” porque é uma etiqueta que vem de fora em vez de vir de dentro para fora. Parece mais adequado, na verdade.

AN – Trabalhamos com os atores na companhia precisamente porque são inteligentes. Fazem um trabalho inteligente e surpreendente. Fazem um trabalho que alguém dentro da suposta “norma” não poderia fazer. Imagino que o processo que levamos a cabo não é diferente dos outros: improvisamos, andamos às voltas, deitamos muitas coisas fora e não voltamos a olhar para elas. As pequenas coisas interessantes que emergem um dia são exploradas no dia seguinte. É uma viagem narrativa comprida e muito serpenteante. Suponho que a única diferença é que podemos levar mais algum tempo a chegar aos sítios – porque temos de aprender muitas coisas pelo caminho – mas não achamos que isto seja uma desvantagem, o nosso lento processo iterativo é uma das nossas maiores forças.

A questão da autenticidade, em particular na representação, é obviamente importante para vocês. Porquê?

AN – Interessa-nos primeiro que tudo um intérprete que tenha uma presença apelativa em palco, e suponho que parte do que faz um intérprete apelativo é deixarem-se ser observados, estarem abertos a ser observados, de uma maneira que normalmente não nos é permitida. Dito isto não tenho muita certeza de que nos interesse a autenticidade, ser autêntico em palco. Digo isto porque acho que na verdade nos interessa uma espécie de engano

dissimulado, levar o público a ver um espetáculo de certa maneira e depois virar as coisas de cabeça para baixo, para o público ter de pôr em causa a sua própria interpretação inicial da ação, pôr em causa as suas próprias ideias ou impulsos relativamente à ação. Portanto jogamos com noções de autenticidade, mas não a procuramos, antes desmontamo-la, desarmando-a e permitindo aos espectadores que aprendam sobre si próprios ao fazê-lo.

A peça inclui a personagem do encenador, a única personagem interpretada por um ator “normal”. Ele revela-se um manipulador sem respeito pelos atores com quem está a trabalhar. Como surgiu esse papel?

BG – A última peça que fizemos, *Food Court*, foi bem recebida quando andou em digressão pela Europa, Austrália e Estados Unidos. Mas algumas das críticas ao trabalho que surgiram eram sobre autoria. Os atores têm uma palavra a dizer no processo de tomada de decisões? Alguém lhes pôs palavras na boca? São no fim de contas marionetas dentro da peça? Isto é realmente uma questão de exploração. Acho que são perguntas ótimas e saudáveis. Achámos que era uma grande oportunidade explorar essas questões numa peça, que na verdade é uma autobiografia ficcional da companhia e do nosso processo de fazer algo.

As duas narrativas na peça jogam com ideias sobre poder. Uma é sobre o líder do partido Nacional Socialista / nazi nesta espécie de ditadura fascista, enquanto a outra joga com um abuso de

poder mais subtil. É a relação entre um encenador e um ator – esta é a relação que conhecemos melhor, portanto foi um bom ponto de partida – mas podia ser entre um pai e um filho ou um médico e um doente ou um psicólogo e um cliente ou um padre e a congregação. Estas são manipulações de poder mais subtis que existem na nossa vida quotidiana. Como encenador de um grupo de artistas que são contratados para trabalhar como atores, que são todos percebidos como tendo uma deficiência intelectual, estou muito consciente do potencial abuso de poder que existe nesta relação. Portanto a peça fala sobre isso, mas também a experiencio de alguma forma na minha vida laboral. Há a responsabilidade de exercer um cuidado judicioso, mas acho que a peça também é sobre a dignidade do risco – a oportunidade para pessoas com deficiência poderem assumir riscos dentro do seu próprio trabalho.

Zoi Liaka

Ta Nea (Atenas), 24 de março de 2014



© Jeff Busby

Back to Back Theatre

Back to Back Theatre cria novas formas de teatro contemporâneo imaginado a partir das mentes e experiências de um elenco único de atores com deficiência, dando voz às questões sociais e políticas que dizem respeito a todos.

Baseado no centro regional de Geelong, o grupo é uma das mais reconhecidas e respeitadas companhias de teatro australianas.

A companhia procura produzir uma obra que fica em repertório ao longo do tempo e portanto faz extensas digressões local, nacional e internacionalmente.

Desde 1999, com direção artística de Bruce Gladwin, a companhia alimentou

uma voz artística única com ênfase nos comentários do elenco sobre o diálogo social e cultural. Criadas num processo de pesquisa, improvisação e escrita, as peças novas realizam-se através da colaboração entre o elenco, o diretor artístico e artistas convidados.

As últimas quatro peças maiores do Back to Back Theatre – *Soft* (2002), *Small Metal Objects* (2005), *Food Court* (2008) e *Ganesh Versus the Third Reich* (2011) estrearam todas com grande sucesso crítico e de público no Melbourne Festival.

Para além da sua prática profissional, Back to Back colabora intensivamente com comunidades por todo o mundo.



© Jeff Busby

Declaração do Elenco

O nosso teatro é o nosso mundo. O nosso recreio. A nossa vida. O nosso teatro é o Back to Back.

Espreitamos às janelas e mentimos por profissão. Somos a primeira página dos diários das crianças.

Somos imprevisíveis.

O Mark Deans adora dar beijos às senhoras. A Romany adora pesadelos em que sabemos que estamos a sonhar. A Sarah pergunta-se se alguém sabe o que se está a passar. O Brian adora uma boa oportunidade. O Scott adora televisão digital e *gadgets*. O Simon acha que as pessoas devem pagar pelos seus erros. Somos bons amigos. Bem, somos próximos.

Achamos que podemos estar a ser imaginados por um gigante adormecido.

Queremos poder. Por isso somos perigosos.

Queremos uma atitude de ASSUMIR O CONTROLO.

O nosso teatro cria mundos, e depois deita-os abaixo.

O nosso teatro é como um café: pode-se bebericar devagarinho ou beber tudo de uma vez e queimar a língua.

Queremos fazer teatro que seja novo para vocês.

Agora, que o mundo é escuro, precisamos de apagar as sombras que erodem o sol.

Bruce Gladwin

Bruce Gladwin (nascido em 1966) é um artista e criador de *performance* australiano. É diretor artístico do Back to Back Theatre desde 1999. O trabalho que Gladwin criou com a companhia tem sido reconhecido pela sua inovação e excelência, fazendo digressões regulares por grandes festivais e instituições internacionais.

Simon Laherty

Minhas senhoras e meus senhores, chamo-me Simon Maurice Laherty. Faço parte do elenco de atores desde 2003. Somos todos atores e somos todos capazes de atuar. Sortudo, não tenho jeito para trabalhar no escritório. As reuniões podem ser chatas mas têm de se fazer. O diretor artístico é duro. É duro com os atores. A melhor coisa que me aconteceu na vida foi o meu avô dar-me as suas medalhas quando eu fiz 21 anos.

Mark Deans

Chamo-me George Bush e sou um marreta. Gosto de beber chocolate quente. As pessoas vêm. Bom espetáculo.

Scott Price

Olá público, chamo-me Scott Price e sou um ator do elenco. Trabalho com o Back to Back desde 2007.

Nalguns países chamam crianças às pessoas com deficiência. Talvez seja só um problema de tradução, uma coisa cultural. Às vezes as pessoas dizem e chamam nomes diferentes às coisas em diferentes culturas. Portanto não nos devemos sentir demasiado ofendidos.

O meu lema é procurar oportunidades. Tenho uma relação engraçada e intrigante com o Back to Back. É excitante. Algumas das peças são provocadoras, controversas e rebeldes; são frontais.

Tenho gostado de trabalhar numa família grande. Rimo-nos e choramos e fazemos espetáculos com o coração e a cabeça. E a minha hashtag é #autismpride.

Brian Tilley

Faço parte do elenco desde 2008. O meu principal objetivo é fazer espetáculos e ir em digressão com eles pelo mundo. O meu maior sucesso é expandir a minha criatividade. Não consigo pensar em mais nada. O meu lema é: querer é poder, e pode-se sempre.

Luke Ryan

Luke é um ator, escritor e realizador de Melbourne. A sua associação ao Back to Back Theatre começou em 2009 com *Small Metal Objects*. Desde 2013, tem feito digressões internacionais com a companhia enquanto ator convidado em *Ganesh Versus the Third Reich*.

Luke trabalhou extensamente com a maior parte das principais companhias de teatro australianas, incluindo o Malthouse Theatre, a Melbourne

Theatre Company e a Sydney Theatre Company. Apareceu em diversos programas do Channel 7 e da ABC.

Luke acabou de escrever o argumento da longa-metragem *Dave's Dead*, baseado na sua curta-metragem com o mesmo nome. A sua última curta, *Halfbeard*, vai estrear ainda este ano.

www.backtobacktheatre.com
info@backtobacktheatre.com
Back to Back Theatre está no Facebook, Instagram, Twitter e Vimeo

Junte-se à mailing list:
www.backtobacktheatre.com/ mailing-list

Próximo espetáculo

PANOS

palcos novos palavras novas

Teatro Sex 22, sáb 23, dom 24 de maio
Pequeno Auditório e Palco do Grande Auditório · M12

Diálogos
de Miguel Castro Caldas

Ponto da Situação
de Tim Etchells

Só há uma vida e nela quero ter tempo para construir-me e destruir-me
de Pablo Fidalgo Lareo

Esta é a décima edição dos PANOS, um projeto que junta a nova escrita para teatro ao teatro que é feito por adolescentes. Mais de vinte grupos escolares e juvenis do país inteiro escolheram encenar uma das peças propostas, e este festival mostra uma seleção desse trabalho.

Miguel Castro Caldas pergunta se o diálogo é um monólogo disfarçado ou é o contrário que é verdade. Para que serve? O Outro, quando está longe, é o estrangeiro, o terrorista, mas quando começamos a falar é nosso irmão ou primo. No texto de Tim Etchells, um coro de jovens *performers* enfrenta

Grupo de Teatro do Colégio José Álvaro Vidal



o público e percorre um conjunto de afirmações sobre aquilo que sabem, o que lhes deixa dúvidas, o que não sabem e o que acham que nunca saberão de todo. Pablo Fidalgo Lareo criou uma assembleia íntima que questiona a educação e o presente, com palavras que podem purificar os corpos e devolver-lhes a sua pureza e o seu pecado original. É um manual de instruções para ser credível e para mudar o sistema a partir de dentro.

Conselho de Administração**Presidente**

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores**Dança**

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições**Coordenação de Produção**

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Estagiárias:

Sara Amaral

Madalena Costa

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vitor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo